

Caminhos para compreender as pertencas religiosas no Brasil

Ways to understand religious roots in Brazil

*Cristian Sicsú da Glória **

TOSTES, Angélica; RIBEIRO, Cláudio de Oliveira (org.). *Religião, diálogo e múltiplas pertencas*. São Paulo: Annablume, 2019.

O Brasil tem vivido nas últimas décadas inúmeras transformações em seu cenário religioso. Ao lado de outras mudanças sociodemográficas, a acentuada alteração do perfil religioso da população, apontada pelos dados extraídos dos censos demográficos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, tem despertado instigantes debates em pesquisadores de várias áreas do conhecimento, como a Sociologia, a Antropologia e, claro, as Ciências da Religião e a Teologia. Em linhas gerais, a maioria dos autores que entram nesse debate sempre tendem a apontar a fragilidade dos dados e das categorias empregadas e o quanto eles fornecem imagens panorâmicas que permitem discutir mais as tendências e os movimentos de uma conjuntura do que mensurar a realidade das práticas religiosas. Nesse quadro mais amplo, os números têm demonstrado a perda progressiva da hegemonia católica (em número de fiéis e presença pública), o crescimento dos evangélicos (em especial os pentecostais) e o aumento de pessoas que se declaram sem religião. Em um segundo plano também podemos inferir sobre os trânsitos, sincretismos e múltiplas pertencas religiosas que historicamente configuram a realidade religiosa brasileira e que, nos tempos atuais, parecem fundamentais para compreender os processos de desinstitucionalização da fé e das experiências com o sagrado.

Uma contribuição importante no campo das Ciências da Religião e Teologia é o trabalho organizado por Angélica Tostes e Cláudio de Oliveira Ribeiro, intitulado *Religião, Diálogo e Múltiplas Pertencas* (Annablume, 2019). Trata-se de uma coletânea que reúne pesquisadores “de certo destaque no cenário acadêmico sobre as experiências de dupla ou múltipla pertença religiosa dentro do quadro de valorização do pluralismo” (p. 09). As pesquisas reunidas no livro tratam basicamente

* Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião (PPGCR) da Universidade do Estado do Pará (UEPA), com pesquisa dedicada à religião entre estudantes universitários em Belém (PA). Bolsista CAPES. E-mail: cristhiansicsu73@gmail.com.

das experiências de dupla ou múltipla pertença religiosa, principalmente no Brasil, e de como isso está ligado ao processo de construção das identidades religiosas, sobretudo em um contexto de maior visibilidade do pluralismo religioso, o que para os autores “possibilita maiores informações e mais fácil e rápido acesso às diferentes propostas religiosas”. Outras questões, destacadas já na introdução, são a importância de aprofundar as discussões teóricas envolvidas nesse debate, além de dar capilaridade aos estudos fora dos ambientes acadêmicos e, de igual modo, inspirar novos pesquisadores a explorar um campo que ainda carece de mais dados e análises.

Angelica Tostes é teóloga feminista e ativista cultural na Rede Ecumênica da Juventude (REJU). Liderança de movimentos ecumênicos inter-religiosos e mestra em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP). Já Cláudio de Oliveira Ribeiro é pastor metodista e professor de Teologia e Ciências da Religião no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). É doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) e assessor das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) e de grupos ecumênicos.

A obra divide-se em cinco capítulos que, de diversos modos, se informam e complementam. Os temas apresentados são resultados de reflexões desenvolvidas durante a trajetória acadêmica dos autores, mas também são fortemente marcados por suas vivências pessoais e religiosas. Conforme apontam os organizadores, tratam-se de elementos presentes no contexto urbano, que podem parecer um tanto óbvios para os “nativos”, mas que ganham destaque e relevância quando são observados nas entrelinhas da vida social. Entre as inúmeras fontes de explicação para o processo de dupla e múltipla pertença religiosa, três merecem destaque nos vários capítulos.

A primeira questão é o “crescente quadro do pluralismo religioso”, que multiplica e facilita o acesso das pessoas a diferentes repertórios de práticas religiosas. Isso tem implicado não apenas na ampliação das informações disponíveis, mas também em novas formas de ver e viver as religiões, inclusive a partir de fusões e bricolagens que a princípio podem parecer inusitadas. O segundo ponto “é pensar criticamente o quadro do pluralismo religioso, não a partir do conceito moderno de religião, em geral compartimentalizado, racionalizado e formal, mas a partir de como se dá efetivamente a relação entre vida cotidiana e expressões de fé” (p. 09). Nesse sentido, “a própria expressão de dupla ou múltipla pertença pode não ser

considerada adequada se for entendida sob viés das religiões institucionais. Ou seja, o que pode ser visto como dupla ou múltipla pertença por um estudioso ou estudiosa do assunto, autoridades religiosas ou mesmo para pessoas interessadas no tema, pode não ser para uma pessoa ou grupo que vive tal experiência e a considera integradora e única, ainda que tenha múltiplas faces” (p.10).

O terceiro ponto é a necessidade de considerar as próprias experiências vividas nos “espaços de fronteiras” ou nos “entre-lugares das culturas”, onde brotam novos signos e novas experiências que encontram suas bases na história cultural e religiosa brasileira, marcada por “elementos mágicos e místicos, frutos de uma simbiose das religiões indígenas, africanas e do catolicismo ibérico” (p.10), o que facilita os processos de dupla e múltipla pertença religiosa.

No primeiro capítulo, Cláudio de Oliveira Ribeiro discute exatamente essas questões conceituais de “Dupla e Múltipla Pertença Religiosa no Brasil”. Ele destaca o valor crescente conferido à questão do pluralismo religioso no campo acadêmico nacional, afirmando que “quanto mais se valoriza e se explicita o pluralismo mais nitidamente se observarão as múltiplas pertencas religiosas” (p.13). Nessa chave de leitura, o processo de diversificação religiosa que emergiu nos últimos anos levantou, com ele, as reflexões sobre os limites do conceito ocidental de religião e a necessidade de sair das referências mais “institucionalizadas” e “compartimentalizadas” para observar a diversidade religiosa a partir das expressões mais “espontâneas”, de onde emanam formas mais naturais da experiência religiosa.

O autor também destaca cinco pontos importantes para se entender o quadro de múltiplas pertencas religiosas. Primeiro, o crescente quadro do pluralismo religioso e o surgimento de expressões religiosas que transcendem aquelas contempladas nos Censos Demográficos. Segundo, em acordo com a ampla bibliografia existente sobre o tema, que os “dados quantitativos não são suficientes para uma análise mais apurada do panorama do pluralismo religioso brasileiro onde as crenças e práticas são mais significativas do que o pertencimento formal ou institucional” (p.19). Daí a “importância de se pensar criticamente o quadro do pluralismo religioso (...) a partir de como se dá efetivamente a relação entre vida cotidiana e expressões de fé” (p. 32). O terceiro é “a valorização das experiências de múltiplas pertencas religiosas por serem vividas em espaços de fronteiras e nos entre-lugares das culturas” (p. 32), assim como a própria diversidade interna presente nas religiões mais tradicionais quando se observa os espaços onde as mes-

mas atuam. Quarto: o “reconhecimento da matriz religiosa e cultural brasileira” (p. 27), marcada por elementos da cultura indígena e afro-brasileira e por relações não institucionalizadas com o sagrado. Segundo o autor, “as pessoas desejam soluções religiosas que ofereçam respostas rápidas, simples e eficazes e de mais fácil compreensão e com resultados comprováveis. Tais soluções possuem a capacidade de atrair um número maior de fiéis” (p. 28). O quinto e último ponto é “a constatação de que o trânsito religioso se dá não apenas na migração de uma religião para outra, mas também na recomposição simbólica-cultural de diferentes sistemas de crenças, o que torna um fator gerador de dupla e múltipla pertença religiosa” (p. 33).

Silvia Fernandes é a autora do segundo capítulo, intitulado “Entrechoques e múltiplas pertencas religiosas: aspectos da cultura religiosa e midiática entre jovens contemporâneos no Brasil”. Nele, são analisados os aspectos da interseção entre cultura religiosa e midiática no Brasil, tendo como foco os efeitos das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) em segmentos juvenis. Para tanto, ela nos fornece um panorama de como os grandes segmentos religiosos têm utilizado cada vez mais recursos tecnológicos como ferramentas de evangelização, alçando suas lideranças ao *status* de figuras midiáticas com grande projeção programas de TV, rádio e na internet. Grupos religiosos como a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) e o movimento da Renovação Carismática Católica (RCC) conquistaram até mesmo seus próprios canais de televisão, as emissoras Rede Record e Canção Nova, respectivamente, além da multiplicação de emissoras evangélicas e católicas de menor projeção.

Esse movimento de adaptação das grandes religiões tradicionais aos sistemas tecnológicos de informação e comunicação teria como pano de fundo uma percepção da “instantaneidade dos tempos atuais” e de seus efeitos sobre a “cultura religiosa”, ela própria organizada agora em torno da “avidez por novas expressões, arranjos e possibilidades múltiplas de recomposição” (p. 38). Nesse contexto, “os jovens têm sido, de algum modo, afetados por essa instantaneidade, seja para fazer escolhas religiosas que reforçam as tradições, seja para aderir a modos mais fluidos de cultivo de espiritualidade” (p. 38). Daí a criação, por exemplo, de grupos de jovens organizados dentro de uma lógica mais extremista, quase militar, em um “exército da conversão” como os “Gladiadores do Altar” ou os “Jovens do Apostolado Guardiões da Virgem”. Como contraponto a esse modelo mais radical de adesão, a autora menciona os jovens sem religião, “que muitas vezes reproduzem re-

apresentações sobre Deus, como sendo “pai” e “amigo”, corroborando conteúdos do sistema de crenças cristão” ao mesmo tempo em que são marcados por níveis mais elevados de frouxidão institucional, experimentação e até mesmo de ceticismo (p. 44). Silvia Fernandes conclui afirmando os jovens, por estarem mais próximos da cultura midiática, são atingidos com mais intensidade pelas novas configurações sociais e identitárias, em tempos nos quais as culturas juvenis que se configuram não são “necessariamente totalidades consolidadas em termos de valores, escolhas e modos de cognição, mas antes são forjadas por dinâmicas constituídas na ação interativa a partir de materiais que se encontram à mão (celular, tablet, máquina fotográfica, computadores, fotos, imagens, blogs, perfis públicos, etc.)” (p. 51).

O terceiro capítulo analisa as “Relações inter-religiosas e diálogo inter-religioso na perspectiva do cristianismo mundial”. Nele, Raimundo C. Barreto Jr. lança um olhar sobre “as mudanças demográficas significativas que têm modificado drasticamente a face do cristianismo em todo mundo desde a segunda metade do século 20” (p. 59) e propõe que se estabeleça uma separação entre os vários segmentos cristãos espalhados pelos continentes, de tal modo que se possa compreender a consolidação do Cristianismo na “Ásia, África, América Latina e Caribe” por exemplo, para além das “narrativas missionárias ocidentais” (p. 61). Ele argumenta também que os ambientes geográficos onde esses segmentos estão presentes têm transformado ou reinventado a religião que há séculos parecia imutável, reforçando a ideia de múltipla e dupla pertença religiosa. Nesse sentido, merece destaque a América Latina, em que durante o processo de colonização o europeu desprezou “a cultura, as histórias e as formas de saber” dos povos que aqui habitavam e onde agora os nativos emergem “como sujeitos que narram suas próprias histórias e desenvolvem suas próprias teologias” (p. 63).

O autor conclui que “enquanto as antigas categorias que os teólogos ocidentais usaram para descrever as relações do cristianismo com outras religiões parecem ser insuficientes para entender o *status* atual do campo, novas estruturas e possibilidades estão surgindo, principalmente no chamado sul global” (p. 79). Sugere, assim, uma aprendizagem inter-religiosa, baseada no diálogo, mas que aponte para um horizonte mais amplo, de colaboração e “convivência entre as religiões no contexto concreto das experiências cotidianas, associando o outro religioso ao outro sofredor como elementos indissociáveis”. Daí talvez surjam as possibilidades mais promissoras de “resposta aos desafios contemporâneos entre diferentes culturas religiosas” (p. 79).

Angelica Tostes discute, no quarto capítulo, a “Múltipla pertença, [as] identidades e o diálogo Ocidente-Oriente no pós-colonialismo”. Dois pontos marcam sua discussão: “o encontro entre Ocidente e Oriente, compreendendo sobre os diferenciais de poder nessa relação colonial” (p. 85) e a necessidade de descolonizar os conceitos e noções operatórios na análise do campo religioso, de tal modo que a própria ideia de pertença não seja contaminada, *a priori*, pela formatação ocidental das religiões monoteístas – lidas como religiões universais – e pautadas na ideia de exclusividade. Nesse contexto, mesmo o diálogo inter-religioso continua priorizando o olhar do Cristianismo sobre os “outros” e as principais formas de diálogo estão baseadas em uma “mesa de líderes” (p. 97) – muitas vezes exclusivamente masculinos – sem contemplar os mundos da vida cotidiana e das experiências religiosas da gente simples.

A partir da leitura de diversos autores pós-coloniais a autora aponta para a importância de mexer nos conceitos que conduzem a discussão, o que representaria não apenas uma descolonização das análises, mas também das práticas. Daí a importância de pensar então fora do “foco binário”, observando “identidades híbridas”, construídas nos “entre-lugares” e “em fronteiras móveis”. Olhar para esse fenômeno (a múltipla pertença religiosa) a partir do Oriente implicaria retirar dele a carga negativa com que foi recoberto pelos monoteísmos para assumir o ponto de vista de tradições nas quais a ideia de uma filiação inequívoca não faz muito sentido e nas quais a fusão de referências e panteões é comum há séculos. Para tanto seria preciso “reimaginar categorias” que sugerissem análises mais amplas, como “múltipla participação religiosa”, “múltipla associação religiosa” ou “múltiplo interesse religioso” (p. 105). Um movimento que transpõe para o campo religioso os desafios do pós-colonialismo de “rever, redescrever e reinscrever” as percepções que os ocidentais têm dos outros.

O quinto e último capítulo é do reconhecido beneditino Marcelo Barros. Intitulado “Ao mistério uno e múltiplo, pertença una e múltipla”, o texto se debruça sobre questões que envolvem dupla e múltipla pertença religiosa nas camadas populares, tendo como referência de base as próprias vivências desse teólogo e escritor católico como assessor das CEBs e sua participação nas pastorais sociais. Para ele a religião é muito frequentemente vivida entre o povo mais pobre como una e múltipla, marcada assim, por um lado pela pertença e por outro por referências a saberes e práticas ancestrais que não são contempladas pelas ortodoxias. Na sua percepção, as camadas mais populares tornam-se refúgios para grupos que fogem de casos de intolerância e violência religiosa, como temos visto nos jornais e na

internet. “Quando se trata de religião do povo, as fronteiras nem sempre são marcos de separação. Muitas vezes, são pontes e traços de união” (p.119), como fica evidente nas relações próximas entre o catolicismo e o candomblé, o catolicismo e a umbanda ou o catolicismo e o Santo Daime em determinadas regiões do país.

A partir da discussão mais contemporânea sobre o caráter móvel e composto das identidades, o autor discute “uma base teológica positiva” para a dupla pertença, que permeie a eclesiologia e as práticas pastorais, na perspectiva de uma “Igreja em saída, como atualmente propõe o Papa Francisco” (p. 131). Conclui, então, que “as Igrejas e as religiões precisam valorizar a experiência das pessoas que vivem nas fronteiras entre duas tradições e outras que conseguem viver não apenas nas fronteiras, mas no coração de duas ou mais tradições (é o que está sendo considerado como dupla pertença)” (p. 134), pois, o indivíduo procura sentido para sua vida não somente em uma, mas na religião que melhor atender as suas necessidades.

Rico em análises e também em sugestões de leitura, a coletânea que acabamos de apresentar é, portanto, instigante e atual. Serve não apenas àqueles que buscam, de um ponto de vista acadêmico, novas reflexões sobre dupla e múltipla pertença religiosa, mas também aos interessados no assunto e aos religiosos que buscam se situar de forma mais aberta e plural no dinâmico campo religioso brasileiro.

Recebida em 26/08/2020, aceito para publicação em 10/10/2020.